



Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos

SURDEZ, IDENTIDADE E CULTURA NO CONTEXTO
DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Adalzisa Ramos dos Santos

Artigo Monográfico de Especialização

PALMAS, TO, 10 de Janeiro de
2011

**SURDEZ, IDENTIDADE E CULTURA NO CONTEXTO
DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

por

Adalzisa Ramos dos Santos

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial
– Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da
Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para
obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial.

Orientadora: Daniele Noal

**Palmas, TO, 10 de Janeiro de
2011**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de Especialização

SURDEZ, IDENTIDADE E CULTURA NO CONTEXTO DA
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

elaborado por
Adalzisa Ramos dos Santos

como requisito parcial para obtenção do grau de

Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

DANIELE NOAL

(Presidente/Orientador)

Palmas, TO, 10 de Janeiro de
2011

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria

SURDEZ, IDENTIDADE E CULTURA NO CONTEXTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

AUTORA: Adalzisa Ramos dos Santos
ORIENTADORA: Daniele Noal
CIDADE: Palmas, TO, 10 de Janeiro de 2011

Surdez, Identidade e Cultura no Contexto da Língua Brasileira de Sinais é o tema abordado nesta pesquisa que tem como objetivo perceber a relação existente entre identidade surda e a língua de sinais, atrelada à questão da cultura surda e seus artefatos. Realizada por meio de pesquisa bibliográfica e documental a cerca do tema em questão, escritos e relatos surdos nos ajudam a entender os surdos e suas necessidades específicas por um viés diferente do da patologia da deficiência que neutraliza as diferenças em função da ideologia ouvinte. A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é apresentada como elemento agregador das especificidades surdas, utilizada em articulação com a comunicação, cultura, identidade, pedagogia e vivências surdas.

Palavras Chaves: surdez; identidade; cultura; língua de sinais.

ABSTRACT

Article of Specialization

Course of Specialization in Special Education - Deficit Cognitivo and Educação de Surdos

Federal University of Saint Maria

DEAFNESS, IDENTITY AND CULTURE IN THE CONTEXT OF THE BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNALS

AUTHOR: Adalzisa Ramos Dos Santos Dos Santos

ORIENTING: Daniele Noal

CITY: Palmas, TO, 10 of January of 2011

Deafness, Identity and Culture in the Context of the Brazilian Language of Signals are the boarded subject in this research that has as objective to perceive the existing relation between deaf identity and the language of signals, tied to the question of the deaf culture and its devices. Carried through by means of documentary bibliographical research and about the subject in deaf question, writings and stories in they help to understand them the deaf people and its specific necessities for a different bias of the one of the pathology of the deficiency that neutralizes the differences in function of the ideology listener. The Brazilian Language of Signals - POUNDS are presented as agregator element of the deaf especificities, used in joint with the deaf communication, culture, identity, pedagogy and experiences.

Words Keys: deafness; identity; culture; language of signals.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
1. A LIBRAS – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	08
2. IDENTIDADE SURDA E OS ELEMENTOS QUE COMPÕE A CULTURA SURDA	11
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24

APRESENTAÇÃO

Identidade e Cultura Surda são os principais elementos de discussão desse artigo, enfocando a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, numa perspectiva de educação bilíngüe, de caráter legal, cuja construção perpassou diferentes períodos históricos com as respectivas tendências de comunicação do surdo x reabilitação auditiva.

Alguns fatores colaboraram para a realização dessa pesquisa na área da surdez, dentre eles a minha trajetória profissional. Ao ingressar no Magistério, sempre me importei com os alunos que apresentavam limitações, seja na aprendizagem, no convívio social ou no aspecto psicomotor. Essa preocupação se transformava em inquietude, a fim de que encontrasse um meio de ajudá-los. Na maioria das vezes não encontrei ajuda ou apoio da equipe escolar, alguém com quem pudesse dividir essa tarefa.

Felizmente, encontrei nos próprios alunos algumas pistas de como ajudá-los, pois acabavam mostrando-me de que forma aprendiam ou não aprendiam. Digo isso, atrelado ao que havia construído no campo do conhecimento em Curso de Graduação em Pedagogia, e em cursos de pós-graduação em Psicopedagogia, Gestão Escolar e Metodologias de Ensino.

A diversidade dos alunos sempre me impulsionou a estar buscando e experimentando estratégias para ensinar e aprender, mesmo quando havia a necessidade de mudar o campo de serviço, perpassando pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e médio, Programas de Alfabetização na Reforma Agrária, educação de Jovens e Adultos, Gestão Escolar e Supervisão Pedagógica. Nesta última atuação, apesar de trabalharmos com uma visão macro da escola, encontrei possibilidades de não ficar apenas na visão super, mas me propus adentrar um pouco mais à escola e fazer ponte com a área de Educação Especial. A relação com essa Modalidade de Ensino parecia ser superficial, mas, pelo contato e acompanhamento freqüente, acabou se tornando um trabalho de muito envolvimento.

Mantenho até hoje uma relação de profundidade com a área de Educação Especial e Educação Inclusiva através do trabalho técnico pedagógico. Foi nesse campo de trabalho que encontramos os alunos surdos, suas especificidades e os desafios inerentes à comunicação, aprendizagem e a vida social, que acabou se tornando elementos de discussão desta pesquisa.

O tema surgiu a partir da seguinte análise: Qual a relação existente entre identidade surda e língua de sinais? De que forma é constituída a cultura surda. Esse trabalho ganhou consistência na medida em que fomos tentando responder essas indagações e ao passo em que

muitos outros questionamentos foram tecidos, com o objetivo de perceber qual a relação existente entre Identidade Surda e a Língua Brasileira de Sinais, também procurando saber como é constituída a cultura Surda.

No decorrer deste artigo apresentaremos um capítulo sobre a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, elencando os parâmetros que a compõe, bem como características da língua de sinais em interface com outras línguas. Nesse trecho buscamos delinear a identidade surda e suas múltiplas facetas.

Adiante enfocaremos a cultura surda e os artefatos culturais nela existentes, com vistas a validar essa cultura, valorizar os protagonistas que a constrói, reconstrói e fortalece as lutas e conquistas do povo surdo.

Para a realização dessa pesquisa bibliográfica e documental, valemo-nos das contribuições de autores como: Skiliar (2005), Mazozzotta (2005), Dorziat (2009), Referenciais do MEC/SEESP (2007), Tânia Felype (2007). Dentre os autores utilizados como referencial teórico, destacamos os valiosíssimos escritos surdos de Karin Strobel (2008), Shirley Vilhalva (2004) e Gladis Perllin (2004), autoras que fizeram desencadear o nosso interesse por este foco de pesquisa, sustendo-nos diante dos poucos registros que encontramos feitos por autores surdos. Esta ênfase a essas autoras se deve ao reconhecimento da literatura surda e da importância de suas palavras e relatos-surdos que muito contribuíram para realização deste ensaio.

1 A LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

Mesmo a despeito de mais de um século de proibição do uso nas escolas de surdos, preconceito e marginalização por parte da sociedade como um todo, as línguas de sinais resistiram demonstrando a necessidade essencial de sua utilização pelos povos surdos (STROBEL 2008, p. 44).

Os surdos, minoria lingüística, mas parte integrante da diversidade e complexidade humana encontra na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS um canal de comunicação capaz de favorecer a comunicação na sua própria língua. Esta afirmação é notória, mas minuciosamente falando, a comunicação em língua de sinais, possibilita mais que isso, favorece a interação, o contato, a aprendizagem, o pensamento, as diversas formas de expressão, sejam elas corporal, visual, facial, processadas num conjunto de elementos que de maneira simultânea agrega harmonia, significado, movimento, intensidade, direcionalidade, de acordo com a dinâmica do contexto.

Apesar de representarem um grupo minoritário, essa pequena representação ao longo dos anos, foi capaz de resistir às tendências de cada época, as sanções aplicadas de maneira abrupta (quando da proibição do uso dos sinais, e predomínio do uso do oralismo) e acima de tudo resgatar a liberdade de expressão lingüística e cultural, obtendo reconhecimento legal sob a forma de língua, instituída pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras.

O decreto nº 5.626/2005 traz a definição de pessoa surda e deficiência auditiva, a saber:

Art. 2º: considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Parágrafo Único: “Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

O reconhecimento da LIBRAS enquanto primeira língua do surdo (L1) devolve ao povo surdo grandes possibilidades, dentre elas, a de ampliação da língua de sinais pela área sócio-política e cultural. Por meio dela, o surdo mantém sua identidade, participa e interage na comunidade, exerce a sua dignidade, manifesta o seu interesse, as suas preferências e habilidades, por ser um importante instrumento de comunicação, expressão e manifestação da singularidade surda.

Retratando os diferentes momentos vivenciados pelos surdos ao longo da história, destacam-se três períodos distintos, identificados como Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo.

Na tendência Oralista (1880 a 1890) os surdos eram obrigados a falar, sendo expressamente proibido o uso da LIBRAS. Esta tendência discrimina a cultura surda, além de negar a diferença entre surdos e ouvintes.

Referendando o período de predomínio da Comunicação Total (1970 a 1980) meados de 1960, observa-se que esta tendência leva em consideração as características da pessoa com surdez, valendo-se de todo e qualquer recurso possível para a comunicação, com foco no desenvolvimento cognitivo. Foi até considerada como outra versão do Oralismo, pois nesse período os surdos continuavam excluídos e agrupados somente pelo viés da deficiência.

A partir de 1990 o Bilingüismo surge como um movimento, cuja sustentação acontece com a aprovação da legislação supracitada, Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e do Decreto

nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. No bilingüismo, os surdos têm como primeira língua a LIBRAS e segunda língua a Língua Portuguesa:

Recomenda-se que, ao conduzir o aprendiz à língua de ouvintes, deve-se situá-lo dentro do contexto valendo-se da sua língua materna (L1), que, no caso em discussão, é a LIBRAS. É nessa língua que deve ser dada uma visão apriorística do assunto, mesmo que geral. É por meio dela que se faz a leitura do mundo para depois se passar à leitura da palavra em língua portuguesa. A língua de sinais deverá ser sempre contemplada como língua por excelência de instrução em qualquer disciplina, especialmente na língua portuguesa, o que coloca o processo ensino/aprendizagem numa perspectiva bilíngüe. (SALLES [et al.] 2004, p. 21).

O bilingüismo transcende outros períodos/métodos estanques, possibilitando o uso de duas línguas concomitantemente, partindo da língua materna, onde esta se torna um instrumento para o ensino da outra, ou seja, Língua Brasileira de Sinais – no caso do Brasil, utilizada uma configuração gestual-visual e Língua Portuguesa, utilizada na modalidade escrita.

Percebe-se que os surdos tiveram muitas perdas ao longo da história, nos aspectos lingüístico, social, afetivo, político, cultural e cognitivo, que repercutem de maneira incisiva no ser surdo. Diante disso, o reconhecimento legal e a disseminação da LIBRAS não é um simples reparo das conseqüências deixadas por outras tendências, mas principalmente é o reconhecimento do surdo enquanto surdo, da cultura do seu povo, da comunicação dessa gente, do seu direito de ser pessoa em plenitude, mesmo que existam as diferenças.

Numa configuração gestual-visual, a LIBRAS, está intimamente vinculada à identidade surda, valoriza a experiência visual, pois a comunicação que não acontece pela via oral, sem prejuízos, é enriquecida com elementos que transmite ao interlocutor a informação, a mensagem, o objetivo, a intenção enfim.

Para a sua validação, constatou-se que a mesma apresenta todos os elementos necessários à constituição de uma língua: “Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico” (FELIPE 2007, P.21).

Fazendo um paralelo com a estrutura da LIBRAS, vamos encontrar os parâmetros que a compõe, sendo eles a Configuração das Mãos, o Ponto de Articulação, Movimento, Orientação/ Direcionalidade, Expressão Facial e ou Corporal.

Segundo a autora, outra semelhança entre as línguas é que os usuários podem expressar seus pensamentos de várias maneiras, de acordo com o contexto, ou seja, formal: trabalho, estudo ou uma audiência, e no contexto informal: lazer, com os amigos, salas de bate papo, bem como de acordo com a faixa etária, de acordo com o gênero, grupo social e as diferenças regionais.

Em se tratando das peculiaridades das línguas de sinais, algumas características sobressaem em relação a outras línguas:

Embora cada língua de sinais tenha sua própria estrutura gramatical, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se com mais facilidade uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos às expressões faciais e corporais das pessoas e devido ao fato desses línguas terem muitos sinais que se assemelham às coisas representadas (FELIPE 2007, pag. 20).

E acrescentamos: usuários da língua de sinais mesmo estando isolados por uma parede ou janela de vidro comunicam-se normalmente, ao contrário dos ouvintes que necessitam de um grande esforço para serem entendidos, e nem sempre é possível. Outra circunstância que poderíamos citar é no que diz respeito “à cola”, que entre ouvintes exige registro, consulta, verbalização. Entre os usuários de sinais, bastam os sinais.

Para fomentar e não encerrar essa discussão vale lembrar que a LIBRAS é um importante instrumento para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento do pensamento, para o resgate e valorização da cultura, para a formação integral das pessoas surdas e para a interação desses com outras pessoas surdas e ouvintes.

2 Identidade Surda e os elementos que compõe a Cultura Surda

Falar em cultura surda é submeter-nos a estar na condição do outro, o surdo e tentar o máximo de aproximação com o seu modo de vida, é entender como eles aprendem e interagem com o mundo. E ninguém melhor que o surdo para discorrer sobre essa experiência, pois nós ouvintes narramos o que nos parece, com os olhos de ouvintes e que não corresponde à experiência surda:

Os povos surdos olham para trás e abrem muitas práticas extasiantes dos pioneiros da cultura surda. A história cultural dos surdos é longa e complexa, ‘existe há muito’ de anos e contém inúmeras formas de se comunicar, ou seja, através da língua de sinais, desenhos, expressões faciais, corporais, imagens visuais, artes,

movimentos de lutas, criações, pedagogias (...) (STROBEL 2008, pag. 92).

Antes de comentarmos sobre os elementos citados no contexto da cultura surda, registramos as peculiaridades de sua escrita, pois sendo a autora surda, sua marca também está presente e respeitada em sua forma de escrever quando utiliza a expressão “há muito de anos”. Expressões como estas percebemos ao longo do livro por ela escrito: As imagens do outro sobre a Cultura surda, da Editora da UFSC 2008 e a Prof^a Sueli Fernandes, que fez a revisão do mesmo, numa postura anti-colonial, valendo-se das palavras –imagens, faz questão de comentar:

Em meio a imagens de corpos disciplinados, tampouco dóceis, que lutaram heroicamente para manter suas marcas culturais vivas, não me permite exercer a pretensa superioridade do colonizador que asujeita o outro surdo ao seu modo de se conformar à língua portuguesa. O texto estava pronto, babélico, disperso, plural! Seu pensamento fundado em belíssimas imagens da língua de sinais, tomou emprestado os significantes do português para se materializar, fazendo fluir a experiência da contaminação intercultural, a língua em que se sentia estrangeira fora hospedada, acolhida em seus modos de dizer visuais (...) (**Ibidem**, pag. 10).

A revisora neste ato nobre de respeito à cultura, preserva não só as idéias da autora mas a identidade da mesma, sabendo pesar ou melhor, significar o que ao rigor da Língua Portuguesa parecia sem nexos.

Toda essa ênfase dada a Língua de Sinais neste ensaio é mais uma vez valorizada por ser o segundo artefato cultural do povo surdo:

A língua de sinais é uma das principais marca da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL 2008 pag. 44).

Conforme foi dito, a língua de sinais é concreta e visual, seu uso e origem está vinculado à necessidade gestual-visual, sendo propícia ao modo como os surdos vivem, aprendem, se comunicam, se apropriam da cultura de seus antepassados e a mantêm viva. Neste contexto, a cultura surda é o maior legado que o povo surdo poderá deixar para outras gerações surdas, por meio da língua de sinais e demais artefatos que hospedam a experiência visual.

(WIRIGLEI **Apud** SKILIAR 2005 pag. 62) descreve o mundo surdo como: “Um país cuja história é reescrita de geração a geração. A cultura dos sinais, bem como o conhecimento social da surdez, são necessariamente ressuscitados e refeitas dentro de cada geração”.

A Experiência Visual enquanto artefato cultural antecede a língua de sinais, sendo ela o primeiro artefato cultural do povo surdo. Para melhor compreensão desse artefato é necessário entendermos o surdo pelo viés da diferença, em que, diferente dos ouvintes, a experiência do surdo é visual. Essa é uma das suas marcas, pois são as imagens, o concreto, o contexto, que significam as coisas, as palavras, as atitudes. Desprovidas dessa experiência, a escrita, a comunicação, as relações, para os surdos ficam empobrecidas, desconexas e sem significado.

O viés da deficiência, narra o surdo na dimensão das incompletudes, do defeito, da incapacidade. Posto isso, queremos cada vez mais entender e fazer entender que a experiência visual precisa ser respeitada, sobretudo em contextos em que a maioria é ouvinte, pois interagimos com o conhecimento, com as pessoas de diferentes modos, os surdos pela LIBRAS e pela experiência visual, cegos, pela experiência tátil, pelo olfato, surdocegos pelo Tadoma, pela escrita na palma da mão, LIBRAS tátil. Portanto, porque monopolizar a comunicação, o ensino e as relações sobrepondo ou supervalorizando mecanismos que não respeitam as classes minoritárias? Condicionar o surdo ao ouvintismo não configura apenas aculturação, mas impõe uma relação de poder, de servidão, de colonialismo.

Essas práticas da cultura dominante é sublinhada por F, um surdo que reclama:

A ideologia do ouvintismo, diante do problema do surdo estabelece logo que o melhor para o surdo é ser como ouvinte; assim, lhe propõe em primeiro momento a aprendizagem da fala, o uso de aparelhos sofisticados para audição, o estudo somente em português, tiram qualquer acesso aos sinais, sem sentir o que nós surdos sentimos no profundo de nós mesmos. Surdo já conhece muito por sinais, sabe por sinais. Se ouvinte tirar tudo isso, o surdo começará apenas a colocar as coisas na mente, sentir-se engolindo, fechando, guardando muitas ameaças contra sua identidade surda e esforçando-se ao máximo para ser como o ouvinte (SKILIAR p. 60).

Os surdos deparam-se nas escolas com aulas, métodos, técnicas, práticas que não colaboram para sua aprendizagem e, por conseguinte, desrespeitam a sua identidade. Da mesma forma que muitas normas de funcionamento da escola não levam em consideração a existência desses alunos, seja pela maneira como as atividades e avaliações são pensadas e elaboradas, sem nenhuma dica ou pista visual que facilite a sua compreensão, lembrando ainda que não temos intérprete de LIBRAS na maioria das escolas.

Essa realidade das escolas precisa ser revista, repensada por seus membros, seus dirigentes e esferas jurisdicionadas. A Política Nacional de Inclusão na Perspectiva da Educação Inclusiva

avançou em alguns aspectos, reforçando alguns dispositivos previstos na LDB nº 10.436 e no Decreto 6.626/2005 que a regulamenta. Mas há muito por se fazer. A propósito, a escola precisa levar em consideração as especificidades surdas em seus projetos escolares, prevendo ações que valorizem as diferenças, mas que principalmente respeite no dia a dia o direito de ser diferente.

Para isso vamos ter que rever todo o funcionamento da escola prevendo orientações, capacitações para os profissionais que nela atuam, no âmbito da escola e ou fora dela. Mas é lá que surgem as necessidades, portanto não convém que fiquemos esperando aparecer uma oportunidade de capacitação. Ora, se a necessidade existe, a escola deverá criar a oportunidade, para que possa nortear a sua equipe em como lidar com as diferenças, e atender a diversidade de alunos, buscando compreendê-los em sua singularidade. Isso com certeza exigirá do professor bem como de toda a equipe escolar uma nova forma de enxergar os alunos, de entendê-los, de se dirigir a eles, de organizar os espaços escolares, de preparar as aulas, as atividades – instrumentos de ensino e de aprendizagem de acordo com as necessidades dos alunos, como também a forma de aplicá-los. É necessário que o professor adote critérios de avaliação que levem em consideração as necessidades específicas dos alunos, e ainda, que sejam viáveis, observando o que de fato e de direito o aluno possa apresentar, desenvolver em termos de resultado, e o que de fato foi ensinado e aprendido.

Sendo os alunos únicos e diferentes, aprendem por diferentes canais, vias, métodos. Se acreditamos nessa premissa, é justo que os critérios de avaliação sejam exatamente os mesmos para todos os alunos? Uma flexibilização é necessária quanto a isso, uma vez que a qualidade da educação ainda não atende todas as especificidades dos alunos, e fazendo esta análise do ponto de vista das escolas que temos, ainda estamos distantes da qualidade necessária, pois é necessário diferenciar o ensino para os alunos com e sem deficiência. Falta acessibilidade, não só arquitetônica, mas também àquela que assiste o aluno na carteira, o material pedagógico e tecnológico, os sinalizadores sonoros, luminosos, táteis, dentre outros.

As Salas de Recursos Multifuncionais têm recebido material pedagógico, tecnológico e mobiliário que são colocados em função do Atendimento Educacional Especializado - AEE. Mas precisa-se atingir a sala regular.

As pessoas com deficiência sempre estiveram à margem dos demais, entendemos então que ignorar essas peculiaridades solidifica a tendência destes sempre ficarem a mercê da grande massa.

É preciso pensar a escola sob diferentes óticas, e nos colocarmos na posição do aluno, situando o aluno surdo, o cego, o cadeirante, o anão. Será como eles se sentem nesse espaço escolar. Como é que os alunos sabem que terminou uma aula e começará a outra, há telefones TDD e orelhões rebaixados?

O despreparo em que se encontram muitas escolas em relação ao atendimento à diversidade de seus alunos mostra que as diferenças são ignoradas em situações corriqueiras, desde o modo como o professor cumprimenta ou se comunica com os alunos surdos, o modo como faz a frequência (chamada), na maioria das vezes de forma oralizada, sem necessariamente visualizar os alunos. E vamos adiante, como é que o aluno surdo em uma classe com colegas e professores ouvintes não usuários dos sinais, expõe suas dúvidas, seus sentimentos, seja o de medo, insegurança ou ameaça, que tipo de ajuda, orientação, enquanto escola estamos provendo? A forma como são repassados os avisos, a natureza dos eventos, nem sempre leva em consideração as especificidades da diversidade da comunidade escolar, bem como as oportunidades. A maneira como alunos surdos e ouvintes são escolhidos para participar, competir, representar a classe, a escola, é algo que tem deixado os surdos em desvantagem e que poderá influenciar na preparação para o mercado de trabalho, ou mesmo na continuidade dos estudos.

Ao longo dos anos, a escola regular tem desconsiderado o direito lingüístico, cultural e social dos alunos surdos, em situações cotidianas como as mencionadas acima.

Essas pequenas coisas fazem uma enorme diferença para o povo surdo, e faz com que os mesmos desejem ou prefiram uma escola de surdos, também defendida por muitos autores que escrevem nesta linha, por verem na escola de surdos uma possibilidade destas pessoas terem sua identidade respeitada. Apesar do que preconiza a constituição federal de 1988, com os ideais de educação para todos, do que prescreve a LDB nº 9394/96 nos artigos 58 e 59 em que a educação deve ser oferecida preferencialmente na Rede Regular de Ensino, e ainda o Parecer CNE/CEB nº 13/2009 e a Resolução CNE/CEB nº 004/2009 que leva em consideração o que diz a Constituição, dentre outras legislações e afirma que a educação é direito de todos e deve ser oferecida obrigatoriamente na rede regular de ensino, já não sendo mis previsto o funcionamento de Classes e Escolas Especiais.

No entanto acreditamos que uma educação de qualidade para todos é um sonho possível, e que a escola regular possa ser mobilizada a atender todos os alunos conforme suas especificidades, onde os alunos surdos tenham suas necessidades lingüísticas e visuais respeitadas, rompendo com as imposições de normalidade voltada exclusivamente para ouvintes, anulando a identidade surda.

Vale ressaltar que essa identidade se apresenta de diferentes modos: “Nenhuma identidade está pronta, acabada ou possui um grau de autenticidade e normatividade. Todas as identidades são negociadas, pois, é fruto de discursos e da transitoriedade da linguagem” (LOPES **apud** SKILIAR 2005, pag. 116).

Baseando-se na instabilidade da linguagem, a autora diz que as identidades passam a ser consideradas como edificações. Dito de outra forma, a linguagem é uma constante construção.

Detalhando melhor as identidades surdas, citamos a Identidade Híbrida cujos surdos nasceram ouvintes e posteriormente ensurdeceram. É complexa, pois o sujeito experimentou dois contextos diferentes: o de ouvinte e o de surdo, alguns falam, mas têm consciência de que não falam como os ouvintes, necessitam da experiência visual para continuarem aprendendo, captam informações do português e processam para língua de sinais:

Isso não é tão fácil de ser entendido, surge a implicação entre ser surdo, depender de sinais, e o pensar em português, coisas bem diferentes que sempre estarão em choque. Assim, você sente que perdeu aquela parte de todos os ouvintes e você tem pelo meio a parte surda, Você não é um, você é duas metades (SKILIAR 2005, pag. 64).

Apesar da oscilação entre línguas diferentes, Língua de Sinais e Língua Portuguesa, a identidade do sujeito permanece surda.

Outra identidade existente é a Identidade Surda de Transição, cujos surdos podem ter sido submetidos a uma vida de isolamento, no interior de suas casas, porões, sem contato com outros surdos, vivendo sob regime de opressão ouvinte, e o seu contato com a comunidade surda é feito posteriormente:

Transição é o aspecto do momento de passagem do mundo ouvinte com representação da identidade ouvinte para a identidade surda de experiência mais visual. Normalmente, a maioria dos surdos passa por este momento de transição, visto que é composta por filhos de pais ouvintes. No momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela desouvintização da representação da identidade (SKILIAR 2005, pag. 64).

Normalmente os surdos que vivenciam esse tipo de situação, sofrem com as conseqüências advindas, o que pode repercutir na sua aprendizagem, escolarização, preparação para o mercado de trabalho, ou mesmo, no diz respeito à descoberta tardia de sua verdadeira identidade, como também nas oportunidades de participação em diferentes contextos, seja na comunidade surda ou centros de convivência.

Existe também a Identidade Surda Flutuante, presente nos surdos que vivem sob regime ouvinte, ou ainda, surdos que não aceitam a sua identidade e querem ser ouvintes, agir como ouvintes, por isso são considerados flutuantes:

(...) não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais. É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas (Ibidem pag. 66).

Quando o sujeito assume que a sua identidade está vinculada à experiência surda, outros saberes poderão associar-se a sua nova identidade, inclusive os fragmentos ouvintes, os quais não foram esquecidos.

È uma das intenções deste ensaio descrever as práticas imperialistas da cultura ouvinte sobre o surdo, ou ideologia servil ao ouvinte. A complexidade da cultura vigente faz com que os surdos tenham suas identidades escondidas. Valorizar a cultura surda sugere favorecer a sua compreensão a cerca de si mesmo ou do mundo, quer seja sob a forma de comunicação, que permite entender as semelhanças, o descompasso; quer seja pela afinidade que os surdos têm uns pelos outros, já que com o outro surdo ele se sente igual na diferença, interage e se fortalece. E isso percebemos nos pequenos grupos, na comunidade surda, nas escolas de surdos, nas escolas regulares em que estes conseguem estar agrupados, associações onde exercem militância, grupos de teatro, onde as relações acontecem de maneira comum a todos, permitindo-lhes ser como naturalmente são, surdos.

Após essa tentativa de esclarecimentos à cerca das identidades surdas, retornaremos a elencar outros artefatos culturais.

Artefato Cultural: Familiar – Pode ser considerado um divisor de águas na vida do surdo. Pois quando a família o aceita como surdo, fala sua língua, o surdo se sente realmente membro daquela família. E mais, se sente apoiado e respeitado. Diferente daquele que se sente um estranho em sua própria casa, quando os membros de sua família o vêem como deficiente, não falam a língua de sinais, e não respeitam a diferença surda.

Podemos fazer um paralelo entre a expectativa de nascimento de uma criança surda, cujos pais são surdos, ao de outra família cujos pais são ouvintes. No primeiro caso, os pais celebram a chegada do filho surdo, pois o seu nascimento é bem aceito e é motivo de alegria, representando uma possibilidade de dar continuidade às tradições culturais daquele grupo familiar, pela comunicação em língua de sinais, costumes, preferências, convívio social, os quais estarão sempre vinculados à experiência surda. Já no segundo caso, a chegada de uma criança surda é motivo de tristeza, lamento, ou ainda descontentamento, pois as expectativas e metas da família estarão sempre relacionadas à cura, à normalização do filho deficiente, que por meio do discurso da medicalização patológico-terapêutica, deixa as possibilidades do sujeito surdo restrito ao uso do AASI, Implante Coclear e Oralização, meios de reabilitação que faz do surdo um falso ouvinte, por não conceber o surdo em sua essência.

Isso nos mostra a imprescindível diferença existente no Artefato Cultural familiar:

Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família,

da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas (LABORITT **apud** STROBEL 2008, p.51).

Existem famílias em que além dos membros, os animais também são considerados integrantes daquele grupo. A autora surda Shirley Vilhalva coloca que ficava intrigada porque na sua casa todos falavam mais com o papagaio do que com ela. E que demorou muito para compreender que ela, as pessoas, as coisas, tinham um nome.

Outra experiência interessante é citada pela autora Sueli Ramalho, em que numa família de surdos, uma criança sentia dó das demais crianças da rua que não sabiam falar com as mãos e se propunha a ensiná-las o alfabeto datilológico, a fim de que pudessem se comunicar. E a família tentava explicar que as demais crianças ouviam com o ouvido. A criança surda profunda não entendia o conceito de som, pois só sente vibrações, mas entendeu que o ouvido tinha uma outra função, além pendurar os brincos.

São incontáveis as histórias narradas pelo povo surdo, que exemplificam a importância do contexto familiar enquanto artefato cultural.

Ampliando a nossa discussão a cerca da cultura surda, introduzimos um quarto artefato: Literatura Surda, e valeremo-nos dos escritos surdos para evidenciar a relevância literária:

Lamento Oculto de um Surdo

Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdo e
você achou melhor uma escola de ouvinte.
Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e
Você as ignorou, colocando as suas idéias no lugar.
Quantas vezes levantei a mão para expor minhas idéias
E você não viu.
Só prevaleceram os seus objetivos ou
Você tentava me influenciar com a história
De que a lei agora é essa.
E que a Escola de Surdo não pode existir
Por estar no momento da 'Inclusão'.
Eu fiquei esperando mais uma vez...
Em meu pensamento...
Ser surdo de Direito é ser "ouvido"...
É quando levanto a minha mão e
Você me permite mostrar o melhor caminho
Dentro de minhas necessidades.
Se você Ouvinte me representa,
Leve os meus ensejos e as minhas solicitações
Como eu almejo
E não que você pensa como deve ser.
No meu direito de escolha,
Pulsa dentro de mim:
Vida , Língua, Educação, Cultura

E um direito de ser surdo.
Entenda somente isso!

Shirley Vilhalva

Este poema revela o potencial do povo surdo sob a forma de literatura surda, e isto significa dizer que a literatura surda existe, precisa ser valorizada e estimulada, criando espaços, oportunidades e condições para que ela possa fluir.

Talvez a escassez de registros escritos por surdos se deva ao fato de nós ouvintes sobrepormos a nossa expressão, literatura, pedagogia, cultura enfim, em detrimento das peculiaridades surdas, fazendo-os permanecer não apenas no silêncio como também no anonimato.

A literatura surda é um artefato que revela o talento surdo sob a forma de registro escrito, escrito a seu modo, com palavras dotadas de intenção e significados.

Lamento Oculto de um Surdo traz a essência desse povo, seus desejos e inquietações, mas também é uma forma de protesto, posto que a inclusão idealizada pelos ouvintes, viola ou melhor, ignora as especificidades surdas, principalmente, o direito de ser surdo e ser compreendido como tal.

A elaboração deste ensaio trouxe-nos uma experiência ímpar, compreender o surdo a partir do ponto de vista dele mesmo. O que ele sente, como se vê, o que deseja, quais têm sido suas lutas e conquistas. Vale ressaltar que só é possível obter resposta a essas perguntas, porque existe a literatura surda, através dela conhecemos as suas aspirações. Quanto a nós ouvintes, por mais que nos esforçamos para narrar a vivência desse povo, esta não terá a mesma significância que as narrativas feitas pelos surdos. Por mais que leiamos e nos aproximemos de sua cultura, o nosso relato será sempre de ouvinte a cerca dos surdos, e a nossa literatura a cerca dos surdos não terá as marcas constituintes de seus escritos visuais.

A literatura surda é valiosíssima, sobretudo, para nós ouvintes conhecermos melhor a cultura do outro, exercitando a alteridade, colocando-nos integralmente na condição do outro, aceitando-o integralmente.

Passaremos agora a falar de um quinto Artefato Cultural: Vida Social e Esportiva. Sendo próprio da espécie humana, viver em sociedade, esta é uma condição para que o homem se desenvolva nos aspectos físicos, psíquicos, cognitivos e sociais e entenderemos também a necessidade dos surdos conviverem com outros surdos, terem uma vida em comunidade.

Na comunidade surda a comunicação é processada de uma maneira comum a todos, e isto fortalece as relações, as trocas cognitivas, o sentimento de pertença, pela afirmação da cultura, e da identidade.

Fora desse contexto, o surdo se sente no isolamento, no anonimato, um estranho em sua própria terra, pela falta do outro igual. Essa vida limitada impõe ao surdo um viver em parte, uma aprendizagem comprometida e fragmentada. As conseqüências de tantas privações resultam na pouca qualificação para o trabalho, pouca continuidade nos estudos, condicionando-os a serem dependentes dos ouvintes, do assistencialismo de Benefícios, como o BPC – Benefício de Prestação Continuada.

Apesar das constantes transformações na sociedade, é necessário ainda a efetivação das políticas públicas, já que legislações existem mas, as implementações feitas até o momento ainda não atendem essa classe de maneira eficaz.

A escassez de oportunidades compromete um maior desenvolvimento dos surdos, pela necessidade de ampliação do mercado de trabalho, falta de uma pedagogia surda nas escolas, pouco usuários da LIBRAS, dentre outros.

É necessário fomentar os espaços de participação do surdo na vida social, política, educacional, cultural e esportiva.

Reforçamos a área de esportes no contexto da surdez porque muitos surdos são adeptos dessa prática, desde que se tenha algumas adaptações visuais. A exemplo podemos citar o futebol onde se troca o apito por bandeiras coloridas. Esse tipo de adaptação é simples e possibilita uma competição com jogadores surdos e ouvintes.

Hoje os surdos já contam com organizações desportivas específicas:

(...) houve a necessidade de criar as organizações que promovem intercâmbio dos diversos eventos esportivos dos surdos. No Brasil tem a CBDS- Confederação Brasileira de Desportos de Surdos, CISS – Comitê Internacional de Esportes dos Surdos, PANAMDES – Panamericano de Deportes de Sordos, CONSUDES – Confederacion Sudamericana Deportiva de Sordos, que buscam adaptações culturais para surdos nas práticas esportivas (STROBEL 2008 p. 65).

Em tempo, vale ressaltar que a vida social dos surdos registra várias conquistas. As associações não são somente espaço de entretenimento e recreação. Nela os surdos discutem e conquistam espaços no campo da política, da educação, e o esporte não é mais voltado somente para o futebol, outras modalidades esportivas têm sido conquistadas através de suas organizações.

Artes Visuais é outro Artefato Cultural do surdo. Por meio desse artefato o surdo se expressa, expõe suas emoções, desejos, cria, representa, e mantém viva a sua cultura.

Vários artistas surdos se revelaram no campo do teatro, das artes plásticas, na dança, na escultura, no cinema, na contação de histórias e piadas. Conseqüentemente surgem vários nomes,

dentre eles citamos: João Mendes Filho, Marlee Matlin, Emanuelle Laborit, Rimar Romano, Heloír Montanher entre outros.

Quanto à música, é necessário esclarecer que:

A música por exemplo, não faz parte da cultura surda, os sujeitos surdos podem e tem o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural. São raros os sujeitos surdos que entendem e gostam de musica e isto também deve ser respeitado (**Ibidem** p. 70).

Não queremos, no entanto dizer que os surdos não gostam de música. Na verdade é que o impacto da música no surdo é diferente da experiência ouvinte. Provavelmente para eles os acordes não são envolventes, já que os surdos só sentem vibrações, mas que lhes permitem gostar mais de um ritmo que de outro, ter admiração por artistas da música, desenvolver habilidades com o corpo, dançar um ritmo como balé ou sapateado, mas sabendo que é diferente, e isso, portanto, precisa ser entendido e respeitado.

Essa característica não empobrece a cultura surda, pois no campo das Artes Visuais muitas outras possibilidades surgem, como as que citamos e outras que são reinventadas como música-sem-som, (coreografias de danças em língua de sinais sem música), ou artes que dão vazão para o surgimento de artistas como palhaços, mímicos, mágicos, contadores de histórias...

Outro artefato cultural é a Política – Esse artefato tem levado o povo surdo a lutar por seus direitos, através de movimentos que tem dado mais consistência às suas reivindicações. Para que esses movimentos possam ser fortalecidos, os surdos se organizam em associações: “Historicamente o povo surdo brasileiro transmitiu muitas tradições em suas organizações das comunidades surdas, o espaço cultural mais conhecido de todos são as associações de surdos” (STROBEL 2008 P. 71).

A autora surda confirma o pensamento de que nenhuma outra instituição, nem mesmo a escola, possibilitou ao surdo, alinhar suas reivindicações e garantir suas conquistas como suas associações. Nelas a luta de cada um ganha força, dando-os poder de decisão, representação social, participação e atuação política.

Embora nas associações os surdos se unam por interesses comuns e afinidades, lá também é local de posições antagônicas e pensamentos contrários, afinal, por mais que esse povo tenha um modo de viver com características afins, a experiência de cada um é única, e associação é um espaço propício para que eles possam expor suas idéias e pensamentos frente a um consenso ou dissenso: “Acredito que são as Associações de Surdos o ambiente mais propício para a criação de experiências reais, de encontros e desencontros, de medos, dúvidas e incertezas, em direção ao fortalecimento e o redirecionamento da convivência intra e extra grupo” (Dorziat 2009, p. 25).

A autora ainda acrescenta:

As comunidades surdas são, nesse sentido, um lugar de afirmação política, de reforçamento das aspirações, necessidades e de trocas de experiências, em torno dos embates sociais, os quais podem vir a desfazer rótulos que só contribuem para a perpetuação de uma visão circunstancial das situações mostradas nas falas dos próprios surdos (...) (**Ibidem** 2009, p. 25).

Nesse sentido a política enquanto artefato cultural traz aos surdos possibilidades, aproximação, expressão de luta e esperança de novas conquistas, rompendo mitos enraizados na sociedade que por muitas vezes demonstra ao surdo o sentimento de compaixão, dó, pena, e despreza a possibilidade de verem estes como sujeitos de sua própria história, pessoas capazes de estudar e avançar no campo do trabalho, da pesquisa, pessoas capazes de se comunicar, aprender, ensinar, cursar um faculdade, um Mestrado ou Doutorado, ocupar cargos políticos, posições de destaque, constituírem família, lutar por seus direitos.

Por último falaremos do Artefato Cultural Materiais. “Há artefatos culturais materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, e sua utilização é condicionada pelo enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia nas acessibilidades nas vidas cotidianas de sujeitos surdos” (STROBEL 2008, p.76).

Trocando em miúdos, situaremos aqui alguns desses materiais artefato cultural do povo surdo: Telefone TDD – (Telephone Fevice for the Deaf) parecido com o telefone convencional, sendo um pouco maior, traz como diferencial um visor e teclas para digitação; campainha luminosa; despertadores com vibração; legendas closed-caption, babá sinalizadoras.

Hoje as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s tem trazido acessibilidade e maiores possibilidades aos surdos, através da internet que traz sites de relacionamentos, pesquisa, imagem, torpedos, chats, Classificação Indicatória da Língua Brasileira de Sinais, torpedos de celular entre outros.

São inegáveis as contribuições das TIC’s, e considerando as especificidades surdas, elas têm facilitado a participação dos surdos em diferentes contextos, tirando-os do isolamento, favorecendo a continuidade dos estudos e ampliado o campo de trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrer algumas passagens do universo surdo, é hora de retomar o percurso feito, para pontuar algumas questões importantes, sabendo seguramente que são apenas tentativas ouvintes de descrever o que se passa com os surdos. Isso nos dá uma idéia não apenas do distanciamento entre o mundo ouvinte e o mundo surdo, mas verdadeiramente que ser ouvinte é diferente de ser surdo. Esta pesquisa documental conduziu-nos até registros e relatos de surdos discorrendo sobre o ser surdo. E esse é o maior fundamento desse trabalho, cujo objetivo era perceber qual a relação existente entre identidade surda e língua de sinais, e o que encontramos foi uma relação intrínseca. Isso significa dizer que a língua de sinais existe em função da identidade surda. Nessa busca encontramos características inerentes à identidade surda que justifica o fato desses povos terem sua própria língua, pedagogia própria e cultura peculiar. Coisas que tem tudo a ver com o jeito surdo de ser.

Ao adentrarmos a cultura surda, encontramos registros que embora poucos, revelam a capacidade, a competência e o talento surdo com uma tessitura de originalidade e criatividade. Isso já seria o suficiente para descortinar os mitos que foram cristalizados ao longo da história dos surdos, tantas vezes narrados como deficientes. Encontramos no campo da política, da arte, da literatura, dos esportes, profissionais da arte de contar histórias, piadas, poesias, ou que se destacam na pintura, escultura, mímica, teatro, dança, atletismo, desenho, enfim, pessoas que com a especificidade surda, enriquecem e fazem parte do patrimônio cultural humano.

Contudo percebemos que no contexto da surdez, identidade e cultura, a língua de sinais, contempla a experiência visual, está vinculada à identidade surda, trazendo aos surdos a possibilidade de uma comunicação eficaz. É por meio dela que essa comunicação se processa, e passou a ser respeitada, sob a forma de lei, mas, sobretudo sob a forma de direitos.

Ao término desta pesquisa, temos a certeza de que ela não responde por si só a muitas questões ligadas a alteridade surda, de modo que vão surgindo outros elementos que merecem atenção e pesquisa, suscitando em nós um interesse ainda maior em conhecer e entender outras questões inerentes à subjetividade surda.

REFERÊNCIAS

DORZIAT, Ana. **O outro da educação**. Pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. – (Coleção Educação Inclusiva).

FELIPE, Tanya A. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. 7ª. Edição.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. – São Paulo: Cortez, 2005. 5ª Edição.

SKILIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças** – Porto Alegre: Mediação, 2005. 3ª Edição.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima [et al.]. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. – Brasília: MEC, SEESP, 2004. – (Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos).

SILVA, Alessandra da Silva; Cristiane Vieira de Paiva Lima; Mirlene Ferreira Macedo Damázio. **Atendimento Educacional Especializado – Surdez** - São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. – Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.